

Publica-se nos dias 1 e 15 de cada mês
Assinaturas
Continente e Ilhas 24\$00
Ultramar 29\$00 e 60\$00
Estrangeiro 35\$00 e 90\$00
(Séries de 24 números)
Pagamento adiantado
NOTA:
Consideramos assinante quem, ao receber o 3.º exemplar enviado, o não devolver, gentileza que muito nos desvaneco.

A R E G E N E R A Ç Ã O

Fundadores: Drs. José Martinho Simões, Manuel Simões Barreiros e Prof. João António Semedo AVENÇA

Proprietário: dr. Alberto Teixeira Forte
Composto e impresso na Tipografia Figueirense

Director e Editor
Dr. Alberto Teixeira Forte

Redacção e Administração — Rua Major Neutel de Abreu
Figueiró dos Vinhos

A Situação da Indústria Tipográfica

Libertada de todos os condicionamentos, a indústria tipográfica acrescentou-se, desordenadamente, a partir de 1947 de novos estabelecimentos, muitos deles equipados com rudimentar e desactualizado material e servidos por reduzidíssimos quadros de pessoal, pouco mais que amador. E criou-se ao sector económico por ela representado, com a concorrência desentreada e o baixo nível de produção, um estado de crise e descrédito a que se impunha meter travão.

Foi com este objectivo que se promulgou, em 7 de Dezembro de 1962, o Decreto n.º 44.780.

No seu escasso articulado, o novo regulamento fixou as condições a que as oficinas de tipografia passaram a estar obrigadas. Os novos estabelecimentos, os transferidos de local e os reabertos após mais de dois anos de encerramento ficaram obrigados a um mínimo de quatro secções — composição, impressão, corte e brochura e costura — servidas a primeira por uma máquina de compor, um prelo de provas e um chanfrador; a segunda, por quatro máquinas automáticas de impressão, uma de formato grande, outra de formato médio e duas de formato pequeno; a terceira por uma guilhotina e uma prensa; a quarta, por máquinas de coser à linha e a arame, de picotar e cantar; tudo maquinismos novos e da mais recente técnica. Aos estabelecimentos já existentes, não transferidos ou reabertos nas indicadas condições impôs-se igual equipamento, no prazo de dois anos, que expirará em 7 de Dezembro do ano corrente. Para uns e outros se estabeleceu ainda a orientação permanente de técnico responsável, com as habilitações mínimas de primeiro-oficial, segundo a classificação do respectivo sindicato, e a

observância das condições gerais de segurança e higiene prescritas em outros regulamentos legais para os lugares de trabalho

Foram grandes as reacções suscitadas pelo novo regulamento e em especial pelo seu artigo 12.º, a disposição que determinou o reequipamento das tipografias de existência anterior. Dessas reacções se fez eco a Imprensa. Consta-nos, agora, que, ouvidos os organismos competentes, o assunto vai ser revisto e alterado o Decreto n.º 44.780. Como? Eliminando-se ou suspendendo-se apenas o art.º 12.º?

Evidentemente que este artigo não podia manter-se, a não ser que se pretendesse com ele esmagar centenas de oficinas, cujos donos não dispõem de recursos, nem de créditos, para um investimento da ordem dos dois mil contos, investimento que a exploração, de resto não compensaria. Entendemos, porém, que a esperada e indispensável alteração não pode contentar-se com isto.

A influência dos princípios gerais da reorganização industrial levou longe de mais os autores do regulamento, os quais nem sequer se preocuparam em formular um conjunto mais lato de disposições menos rígidas e em admitir maior escala de situações.

A indústria tipográfica é uma indústria pobre. Sujeitá-la a condicionamento de indústria rica constitui uma violência que ela não pode suportar. Não a podem suportar os antigos estabelecimentos, nem os modernos. Quem estará na disposição de empregar cerca de dois mil contos na montagem de uma indústria de resultados antecipadamente sabidos como escassos, pelo menos? Salvo para os casos raros de empresas mais poderosas, as condições de montagem de no-

Continuação na 4.ª página

Bem-haja, Prof. Saraiva!

Valeu a pena ser figueirense e telespectador no passado dia 23 de Março, mais precisamente pelas 19 horas e 45 minutos, hora a que o nosso prezado amigo António Maria Saraiva surgiu no pequeno écran para mais uma lição do Curso de Educação de Adultos que vem apresentando na R. T. P. com notável êxito.

E valeu a pena ver e ouvir o distinto professor porque a nossa terra, os seus admiradores, e até os próprios adutores tiveram o ensejo de apreciar muito mais do que o ensino, a elevado nível pedagógico, do fonema Q, primeira letra da palavra Quadro.

Na verdade, Saraiva pôs toda a gama dos seus admiráveis recursos na feitura dum quadro, não puramente gráfico, mas humano, vivo, real e, no final, conseguiu uma óptima motivação para a sua lição e imprimira-lhe profunda feição formativa, pois muito úteis terão sido para excursionistas e organizadores, mesmo alfabetizados! — as suas considerações acerca da dupla finalidade que qualquer digressão turística deve alcançar...

E tudo isso conseguiu, vejamos os leitores, falando a linguagem da verdade sobre Figueiró, as suas belezas, Malhoa, o seu longo viver entre nós, os seus Quadros, dum dos quais, *O Baptismo de Cristo*, o Prof. Saraiva mostrou aos telespectadores uma reprodução, esclarecendo que a obra original se pode admirar no altar-mór da nossa Igreja Matriz que ele apontou como monumento nacional.

Incorporou-se o apresentador em imaginária e estudiosa excursão que, uma vez informada dos nossos sítios mais belos, subiu ao Cabeço do Peão para depois descer até à Igreja e dali partir a visitar outros recantos de Figueiró...

Partiram deslumbrados os «excursionistas» e sobretudo melhor informados a respeito de Malhoa e das suas íntimas ligações conosco, rematadas, exactamente, no dia em que a morte aqui o veio procurar...

Bela lição a do Prof. António M. Saraiva que igualmente prestou à nossa vila e ao seu turismo um serviço que não tem preço, porque não há oiro que pague o fazer justiça!

Bem-haja, pois, amigo e neste eco vai decerto a gratidão de todos os figueirense!

Este jornal foi visado pela Comissão de Censura

“Malhoa Íntimo”

Como havíamos prometido, continuamos hoje a deliciar os leitores com a bela oração de Egas Moniz a Malhoa, que o é também à terra figueirense que o Mestre tanto amou:

(Continuação no número anterior)

Atrás as bandeiras das confrarias, as opas dos irmãos do Santíssimo, os anjinhos de asas emplumadas, os andores, o pálido, a música, a multidão...

Tarde de arraial! A fogaça em leilão! O pão trigo nos tabuleiros a transbordarem! As padeiras não têm mãos a medir...

São horas de deslizes da gula! Olha para dentro daquela taberna! Como eles emborcam sôfregamente as malgas de vinho tinto! O calor ajuda! Mais vinho mais castanhas... As pálpebras pesam, mas o espírito levanta-se ainda em arrebatamentos bizarros. As vasilhas entornam-se sobre a mesa de pinho.

Baco, filho de Júpiter, eles te saudam! Estão fantásticamente bêbados. E' a apoteose do vinho, mas do vinho português, do palhete trepador das terras de Figueiró.

Além, em pleno arraial, junto à pipa, repete-se a cena. Bem lhe grita a filha: Basta, meu pai! Mas ele é tão bom e este ano está tão barato!... A pataco o quartilho!...

Com que cuidado aquele faz o Cigarro. Aprecia-o antes de fumar. Lume?

Tem-no aquele outro. Fósforo de espera Galego esfregado na calça e afastado da cara para que o cheiro do enxofre não irrite a goela.

Silêncio. E' o Viático. Todos ajoelham. Alguém que está em vésperas de entregar a Deus ouve-se o Bendito. Vão apressa-

Dr. Jorge G. Ferreira

Aproveitando a quadra festiva da Páscoa, esteve entre nós, de visita a seus familiares, o nosso querido amigo e distinto médico-oftalmologista, em Lisboa, sr. Dr. Jorge Godinho Ferreira a quem tivemos o prazer de abraçar.

Mário Dinís Ferreira

Acompanhado de sua Ex.ma Esposa e Filhinha, esteve nesta vila, de visita a seus pais, o nosso prezado amigo e conceituado armazenista na Capital, sr. Mário Dinís Ferreira a quem tivemos o prazer de cumprimentar.

dos. Não se perca a alma que há-de subir ao céu.

Para aquela banda fica o Convento. Mostra-se, envolto em vedura escurecido pelos anos, como se fora um castelo medieval, através duma macieira em flor!...

Toque das Trindades. O aldeão pára na descida do outeiro, encostado ao tosco varapau, para tirar o chapéu. Ouve-se um murmúrio de Avé-Maria. Que pena não sabermos também rezar!

Horas tristes. Horas de Crepúsculo. Meditação. Faulha d'oiro que em breve se desvaneco.

A noite já esfuma as asperezas da paisagem. Vão chegando à ceia. No oriente presentem-se os primeiros anúncios do despontar da lua. Como ela se esforça por galgar aqueles montes!... Como são belas as mutações sucessivas de tons na sua ascensão gloriosa por esses céus fóra!...

Ouve-se, ao longe, um cantar dolente, orfeónico, em que uma

Continuação na 4.ª página

A Igreja Paroquial e o seu estado de conservação

Pela voz autorizada do Rev.º Arcipreste—P.º Belarmino Soares—foram as consciências católicas, há dias, alertadas, se não mesmo responsabilizadas pelo precário estado de conservação interior e exterior do belo templo que é a Igreja Matriz de Figueiró dos Vinhos, monumento nacional, que foi, (na opinião de alguns...) e que, para nós, continua a ser, até informação em contrário de quem pode e deve dá-la.

Consideramos justíssima e muito oportuna a intervenção do zeloso sacerdote porque de respeito e estima como a Casa de Deus outra não há mais merecedora.

Interiormente, o aspecto das paredes é tal que clamam urgentemente por um «tónico» de leite de cal que lhes restitua a sua branca sobriedade, mas o estado do soalho não é melhor: comido do caruncho nalguns trechos, es-

Continuação na 3.ª página

Malhoa Íntimo

Continuação da primeira página

voz se alteia em melodia imprecisa. Aproximemo-nos. E' o seguimento da tua Descamisada. Que alegria! A quem caberia a espiga de milho vermelho que obriga ao doce castigo do beijo dado ao redor, em que um, pelo menos, é dado de vontade?

No fim a dança. Já não saímos daqui; é até de madrugada. Em viagens de fantasia já não se descansa.

Repara como é graciosa esta reparação! Que belo par! E como ele baila ao som da harmónica há lá coisa que se pareça com este fandango de subtil sapateado?...

Mas Mestre, já rompeu o dia. Vamos ver a paisagem que começa a espreguiçar-se.

Aquelas hortensias, em sinfonias de cor, alinham-se nos cômodos do teu jardim.

Os meus olhos ficam deslumbrados, com os daquela figurinha de amarelo que se vê ao fundo, mancha de cor erçada de dificuldades, Butterfly que ali veio pousar por engano, à procura do bem amado...

Naquele alegrete a filha da casa rega e acaricia os seus rododendros rubros. A dar de beber a quem tem sede. Anda a aprender para quando for mãe.

Quem segue por aquele caminho pedregoso em direcção à serra? E' uma forte rapariga, lenço para a nuca, os cabelos ao vento, os olhos unidos e esgazeados, o passo apressado, enérgico. Leva abraçada uma garrafa, bem junta ao coração. E' o Remédio. Quanta esperança resplandece do seu rosto. Quanto sentimento exprime o seu olhar. E' a angústia, correndo para o milagre... Leva ali a saúde que há-de salvar-lhe a mãe.

DE SILVEIRA

Sugestão

Os habitantes deste pitoresco lugar da freguesia do Espinhal não escondem a sua satisfação por verem agitado nos últimos tempos, quer nas colunas dos Jornais, quer por parte das autoridades administrativas, o magno problema da estrada de penetração que, independentemente da geografia do seu traçado, terá pelo menos uma virtude que a todos apraz: a quebra do isolamento que agora se verifica.

Porém, a população lamenta igualmente a falta duma rua principal, alinhada, que deveria atravessar a povoação no sentido nascente-poente, por forma a servir de acesso à capelinha de Nossa Senhora de Guadalupe e ao edifício escolar e que, mais tarde, seria como que o complemento natural da estrada a construir, até porque na hipótese de ela se quedar num dos extremos da aldeia, fica depois por resolver outro problema—o do fácil acesso da maioria dos habitantes à sua estrada de «salvação».

Perante o exposto, é de crer que o ilustre presidente do município, em próxima visita à região, estude o caso *in loco* com a habitual solicitude e, conjuntamente com os interessados e com a Junta de Freguesia, envie os melhores esforços com vista à abertura da referida rua principal.

Assim o esperamos.

E.

Naquela varanda, uma donzela linha pesponta e ensina crianças. Cobre-a uma luz bizarra de pequeninos sóis coados através de maciço de *Glicínias* a desprenderem-se em florescências dum rocho suave e brando. Um melro canta na gaiola. Esvoaçam devaneios de juventude e incertezas de namorada. Descansa, que um rosto moreno, de olhos cobizosos, te vigia. Fogo do coração a perturbar a calma das flores despreocupadas.

Mestre dá-lhe os bons dias E' o sr. Regedor, todo grave e circunspecto. Está a pensar nos embaraços do seu espinhoso cargo.

Então esta não vai à festa? E' tão linda... Só na aldeia, ali para o canto, a mirrar de saudades por causa daquele que anda por longe, por terras de além-mar.

Essas duas velhinhas fazem crescer água na boca. Como elas comem *As papas*... Gotejam as colheres de pau, e tem-se a certeza de que nada ficará nos pratos vidrados. As sardinhas esperam a sua vez sobre a folha de couve-mai-lo pão de borla da última fornada.

—Adeus, Adeus!

Quem sabe se para sempre...

E lá vai o *Emigrante*. A sacola ao ombro, a alma alanceada. Um rosto enxuto de lágrimas, pelo vento agreste das maiores saudades. Esvoaçam-lhe pela fronte beijos das crianças. Na boca adivinha-se ainda o calor de outra boca e na tristeza angustiada que o envolve e perpassa um poema, sem palavra, de sentimentos em clausura.

Na volta do caminho, num último relancear de olhos por a paisagem, evoca a infância distante, o trabalho inútilmente despendido, as primeiras alegrias do novo lar, as crianças a sorrirem as tristezas que privações trazem... E, procurando ainda divisar a casita, que é preciso resgatar à hipoteca, e onde há agora mágoas tantas, os olhos param, por um momento, extáticos... enquanto o corpo segue o seu destino...

(Continua no próximo número)

Continuamos a ser país!

Confirma-se o que dissemos no último número: vai aumentando o número dos nossos leitores! Hoje registamos mais as seguintes adesões ao *Alcôveiro* de assinantes: Sr. Aníbal da Silva Medeiros, de Luanda (Angola); sr. Leonel Rosa Tomás, brioso G. N. R. em Torres Vedras; sr. Elói Henriques de Campos, de Lisboa, inscrito pelo nosso amigo sr. José Simões dos Santos, também de Lisboa; sr. Marcolino Martins Ferreira Hortelão, residente em Almeirim; e o valoroso cabo miliciano, sr. José Dias da Silva. Bem-hajam, e propõe agora outros!...

Casa

Sita em S. Sebastião, desta vila, vende-se.

Dá informações e recebe propostas o advogado Teixeira Fortes.

Dignum et justam est

Surgiu a Primavera e com ela o sol, as flores, a alegria da pequenada!

Não vem longe o tempo em que a nossa infância e juventude dará largas ao seu contentamento, expandindo-se no parque infantil e no rinque de patinagem.

Antes porém que isso suceda, e talvez outra coisa não estejamos fazendo com nossa impertinência do que «ensinar a missa ao padre», como soe dizer-se, sempre nos permitimos lembrar a necessidade que há em «dar uma volta» aqueles dois recintos, mormente no respeitante ao estado da vedação e outros madeiramentos, à pintura; enfim, de forma a tornar os dois locais tão agradáveis e alegres como convém à idade dos seus frequentadores e ao sentido estético que neles se deve procurar criar.

Depois, são os de fora que também não acham aquilo bem e comentam, embora tantos deles nem assim tenham em seus burgos!

Estamos crentes que não passará mais uma época por cima daquele desarranjo, até porque, a ser assim, para o ano, a despesa será muito maior!

Portanto, até por uma razão de economia, é justo e dignifica a entidade responsável a urgência de tal reparação...

Tem Carta de Condução e vai fazer 35, 50, 60 ou 70 anos?

Então não esqueça que tem apresentar na Direcção de Viação, durante o mês anterior àquele em que perfaz alguma daquelas idades, os atestados médicos destinados à revalidação da Carta.

A não apresentação de tais atestados, que são requeridos à Delegação ou Sub-Delegação de Saúde da sua área, torna-o, automaticamente, um condutor indocumentado e, como tal, fica sujeito às penalidades referidas no Regulamento do Código da Estrada.

Tome, pois, cautela...

Tipografia Figueiroense

Trabalhos Tipográficos em todos os géneros

Confiar os seus serviços a esta casa é ter a certeza de ser bem servido e aos melhores preços

Rapidez — Perfeição — Seriedade

SÃO TIMBRE DA TIPOGRAFIA FIGUEIROENSE

Rua Major Neutel de Abreu

FIGUEIRO DOS VINHOS

TELEFONE 15

A Igreja Paroquial Referências Literárias

Continuação da 1.ª página

buracado noutros, todo ele velho, suspirando pelo carpinteiro...

E os altares? Quem acode a sua pintura que os tempos, lenta e progressivamente, vão desvanecendo?

Porém, o turista ou simples visitante «adivinha» este estado de coisas cá de fora, do Jardim de Cima, como lhe chamam.

Aquelas paredes negras e informes deixam perceber que houve desmoronamento doutro edifício contíguo e aquelas janelas fronteiras aos C. T. T. lembram velha habitação abandonada e em ruínas. Exteriormente, o vetusto templo dá-nos uma visão perfeita de desmazelo, de incuria, de falta de estética! Agora, que chegou a primavera, aquele triste conjunto vai passar a constituir negra mancha no ambiente florido em redor, precisamente ele que, conservado e embelezado, ali deveria sobressair, qual convite à piedade, ao recolhimento, e ao regalar dos olhos nas suas belezas e preciosidades interiores...

Boa razão tem, pois, o sr. P.*

Prevenimos as Ex.mas Empresas Editoras interessadas de que não nos é possível fazer qualquer referência às suas obras, desde que os respectivos elementos informativos não sejam acompanhados dum exemplar.

Obrigações Fiscais

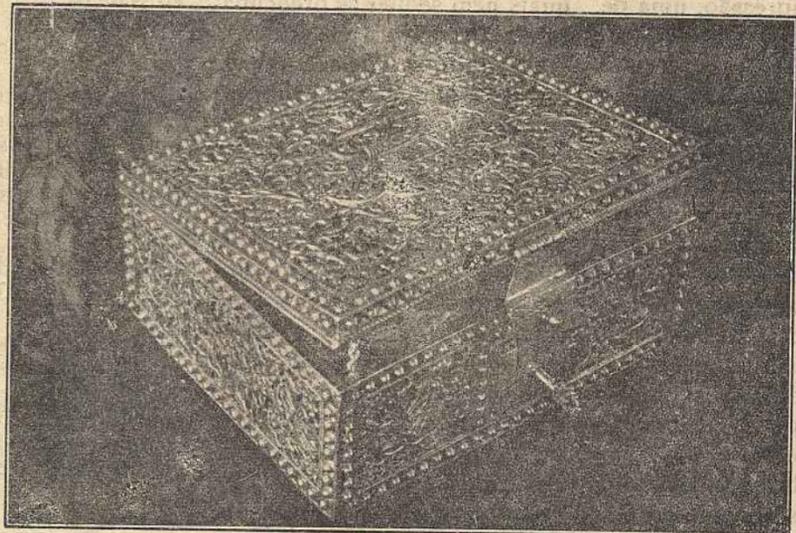
Durante o mês corrente, está em pagamento o Imposto de Capitais e a Taxa Militar, que, aliás, pode ainda ser paga em Maio.

Belarmino. Aquilo é uma vergonha não só para os Católicos mas para todos! Da generosidade daqueles muito haverá a esperar, mas temos a impressão que as obras a efectuar são de envergadura tal que não dispensarão o auxílio, se não mesmo a intervenção oficial.

Temos para nós que os dois esforços—particular e oficial—interligados são imprescindíveis...

Como quer que seja, é evidente, assim é que não está bem!

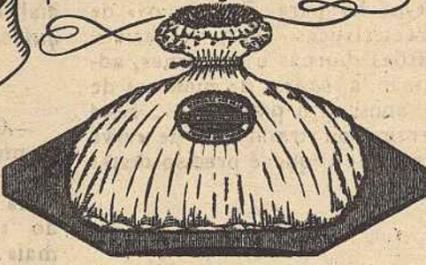
Tesouro Figueiroense



Este valiosíssimo cofre de prata lavrada de origem indiana (Séc. XVII) é propriedade da Igreja Matriz onde pode ser admirado pelos Turistas. Figurou recentemente na Exposição de Arte Portuguesa e o único do género existente em Portugal.



SANTO ANTONIO DOS MILAGRES
Especialidade de Figueiró dos Vinhos



Diploma honoroso e Medalha d'Ouro na Exposição Agrícola e Industrial de Leiria que teve lugar em Setembro de 1916

MARCA REGISTRADA

**Foi sempre o melhor desde 1890...
e ainda não deixou de o ser!...**

Telefone P. P. C. 50
FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Cobranças Difíceis

Trata: José Pereira Esteves, em Lisboa e Província.

Travessa dos Arneiros, 15 r/c. Esquerdo — Lisboa — Benfica Telefone 700491.

Trespasse

Trespasa-se Estabelecimento Comercial misto de fazendas e mercearias, em **Cernache do Bonjardim**, por motivo de saída.

Tratar com o próprio: V.º de Victor Manuel de Carvalho Portugal.

Mário Falcão

Médico

Consultas desde as 15 horas

Telef. 15 (p. f.)

AVELAR

CASA

Vende-se ou arrenda-se casa ampla com grande área, sita no cruzamento do Pontão Avelar. Dá para fábrica, garagem, armazém ou qualquer ramo de comércio.

Informa Joaquim Nunes Furtado — Cabaços, telefone 5.

GRANADA

Drogaria — Perfumaria
Brindes
Utilidades Domésticas

Grande e variado sortido aos melhores preços.

GRANADA

Um estabelecimento moderno que rivaliza com os melhores do País.

Rua Dr. António José d'Almeida
Telef. 185

Figueiró dos Vinhos

Aluga-se o Café Avenida

Por motivo de o seu proprietário não poder estar à testa, aluga-se o Café Avenida, situado num dos melhores locais de Figueiró dos Vinhos. Boas instalações.

Dirigir propostas a: Joaquim da Silva — Figueiró dos Vinhos Telefone 56.

RECAUCHUTAGEM
“LABOR”

Couveia, Sousa & Crisóstomo, L.da
Pontão-Avelar

Teletone 38 (Avelar)

Recauchutagem
Rechapagem
Vulcanização
Assist. Técnica

PNEUS NOVOS
de todas as marcas

PNEUS USADOS
de todas as medidas

LABOR
UM NOME QUE É GARANTIA DUMA RECAUCHUTAGEM **MELHOR**

Novo estabelecimento para servir melhor

A. Ferreira Leitão

Ferragens — Materiais de Construção (tudo para Construção Civil) — Ferramentas — Material sanitário — Mosaicos e Azulejos

Preços acessíveis

Agência da B P Gás
e das Tintas ATLANTIC

Rua Dr. José Martinho Simões Figueiró dos Vinhos
Telefone 83 (P. F.)

Ourivesaria Lourenço

Encarrega-se de todos os consertos em **Rádio e Televisão**

Telef. 105

Figueiró dos Vinhos

Armazém e Terreno

Vende-se, nesta vila, edifício para armazém ou garagem, comércio ou indústria, com bom lote de terreno anexo para construção, na Avenida Major Neutel (ao Barreiro), com duas frentes: Avenida Major Neutel e rua Municipal. Informa-se na Redacção deste Jornal.

Aníbal Pereira Gregório

com

Automóvel de Aluguer

Recebe serviços, a qualquer hora, para qualquer ponto do País

Telefone 782 (p. f)

Campelo — Fontão Fundeiro

Alberto Teixeira Forte

ADVOGADO

Figueiró dos Vinhos — TEL. 13

Escritório em: **Pedrógão Grande**

(Na primeira 2. Feira de cada mês)

TERRABELA-HOTEL

Um dos melhores da Província

Instalações Modernas

óptimos serviços de:

Bar-Café-Restaurante

Serviços de Casamentos

• Baptizados

Preços especiais

BILHARES

Figueiró dos Vinhos

O MELHOR Pão-de-Ló

É O DA

Confeitaria Santa Luzia

DE **A. C. Campos**

Telefone 129

Figueiró dos Vinhos

O Concelho de Bragança, na última campanha, foi o campeão de consumo de **Nitrato de Cálcio** de NITRATOS DE PORTUGAL, S. A. R. L.. Só ele gastou cerca de 1.000 toneladas. Utilize-os nas adubações de cobertura e verá os bons resultados. Além disso, é um adubo dos que custam menos, produzindo mais.

A Situação da Indústria Tipográfica

Continuação da 1.ª página

vas tipografias tornaram-se proibitivas. Os tipógrafos hábeis e empreendedores que pretendem servir as suas legítimas ambições de emancipação, começando com meios reduzidos, estão impedidos de o fazer; as terras pequenas, cujo progresso justifique a existência nelas de um desses estabelecimentos, por vezes imprescindível, não o terão. Parece que chegou a altura em que a ninguém se consente partir de um pequeno princípio.

Da sustentação das exigências mínimas previstas em 1962 para todos os novos estabelecimentos e da dispensa—se assim vier a entender-se—de qualquer actualização para os antigos uma coisa desde já se pode afirmar como certa: a pernicioso especulação. Quem pensasse, depois, em abalancar-se a tal indústria não hesitaria em pôr de parte a ideia de oficina segundo o figurino regulamentar, optando pela negociação de uma velha. E os antigos industriais, por seu lado, não se esqueceriam de tirar partido da situação.

Nem oito, nem oitenta. Os antigos que se deixem ir trabalhar sem novas imposições, que só serviriam para lhes atribuir mais a existência ou para os aniquilar, mas sem lhes ajeitar vantagens ilegítimas, e estenda-se a revisão, também, às condições de abertura de novos estabeleci-

mentos tipográficos, quer reduzindo, em todos os casos, a maquinaria inicial, quer instituindo uma hierarquia, com base na localização, dimensões e variedade do trabalho a produzir, e quaisquer outros elementos de diferenciação julgados de considerar.

Analogamente, a direcção obrigatória das oficinas por um primeiro-oficial reclama reflexão. Sabendo-se que, em muitas tipografias, são os próprios donos, auxiliados por um ou dois aprendizes, quem tudo faz, visto o movimento e os lucros não darem para mais, como será possível suportar o encargo de um técnico categorizado?

O assunto foi já largamente debatido e isso ajuda a confiar na objectividade e justiça das providências esperadas para breve. Não se põe em causa a necessidade da modernização e reequipamento industrial do País, que sempre aqui temos preconizado e defendido, e pecaríamos por incoerência se pretendéssemos advogar a total exclusão da indústria tipográfica desse vasto empreendimento. Também ela precisa de aperfeiçoar-se, de se colocar na fila dianteira do progresso e de se libertar do atoleiro em que, pouco a pouco, se está a afundar desde 1947. Mas tudo há-de fazer-se com o bom senso e moderação exigidos pelas circunstâncias.

Nas considerações preliminares do regulamento, uma das razões que, em abono dos preceitos contidos no diploma, se invocaram foi a da urgência de debelar a crise, principalmente resultante da concorrência que as tipografias sofriam. Ora o reequipamento prescrito, se viesse a cumprir-se integralmente, não só não resolveria a crise mas também a agravaria mais. A capacidade de produção excederia de tal forma as necessidades do mercado que a situação se tornaria ainda mais ruínoza. Também este aspecto do problema reforça a argumentação a favor de uma remodelação menos brusca e menos profunda.

O parágrafo único do art.º 12.º e o art.º 13.º do regulamento, conferindo poderes ao secretário de Estado da Indústria e à Direcção-Geral dos Serviços Industriais para o alterar, por meio de portaria, e para apreciação de casos especiais, continham já a prevenção contra reacções certamente pressentidas. E' desses poderes que se espera agora o reajustamento, entretanto demonstrado como imperioso. Sabemos muito bem que o progresso não dispensa sacrifícios nem vítimas; contrarie-se-lhe, porém, a cobrança deste tributo até onde isso possa e deva fazer-se.

De «O Século»

Vende-se em

Jarda-Arega

Casa de habitação c/ terras de sementeira, oliveiras, videiras e outras árvores de fruto.

A'gua para rega.

Quem estiver interessado deve dirigir-se a:

José Gonçalves Ramos — Figueiró dos Vinhos.

Ainda o caso da lâmpada do Cabeço do Peão

A propósito da nossa local *Obra de Vandalos*, inserta no último número, pôs-se a hipótese de a lâmpada e o suporte, haveram sido derrubados pelo vento, visto que o suporte apareceu mais tarde em cima do telhado da capela de Santo António, bem como o casquilho da lâmpada, ainda portador do tubo do filamento, de cerca de dez centímetros, intacto, apesar de *arrastado* de altura considerável por uma massa de ferro fundido de mais de 2 quilos! que na queda partiu (?) duas telhas.

Contudo, esclarecera-nos antes o electricista que ali foi com a pessoa que adquiriu a lâmpada, logo que a sua falta foi notada, que subiu ao telhado e nada disso lá se encontrava, donde nos foi lícito deduzir que os objectos em causa foram anteriormente transportados para o local da hipotética queda, mas nunca pelo vento, é claro!

De resto, o vento não parte vidros, não suja paredes com carvão, não corta arvorezinhas cerce, não estilhaça lâmpadas e actos desde jaez têm sido praticados no mesmo local.

Por quem? Isso não sabemos. Só fazemos votos por que não haja reincidência na matéria e já agora que eventual rebate de consciência fez devolver o suporte, que este seja aproveitado para a colocação doutra lâmpada que tanta falta faz lá no alto do môrro...

Melhoramento em Fontão Fundeiro

Acaba o populoso lugar do Fontão Fundeiro de ser valorizado, graças à iniciativa dum dos seus naturais—o nosso assinante sr. Anibal Pereira Gregório—que acaba de pôr à disposição dos seus conterrâneos e amigos das povoações limítrofes um automóvel de aluguer.

Fica assim preenchida uma lacuna e servida a comodidade dos interessados.

Visitaram a Redacção

O sr. Manuel Carvalho, da Quinta do Mouchão, para regularizar a assinatura do sr. João dos Santos (Brasil);

—O sr. Manuel Simões Lopes, de Arega que, além da sua, também liquidou a assinatura do sr. Guilherme Alves (Quelimame);

—O sr. José de Jesus Simões, jardineiro no Fundão, que actualizou a sua assinatura;

—O sr. Abílio Mendes, de Aguda, que se encarregou do pagamento da assinatura do sr. Manuel Lopes da Rocha, da Ribeira de Alge;

—O sr. Adelino Simões, da Atalaia, que renovou as assinaturas dos srs. José Simões Coelho e José Godinho da Silva;

—O sr. Abílio da Conceição, da Soalheira, que actualizou a assinatura do sr. Manuel Lopes Jorge, de Lisboa;

—O sr. Emídio dos Santos Laranjeira, que se encarregou da renovação da assinatura do sr. Hilário Augusto de Carvalho, residente em Lourenço Marques.

—O sr. José Francisco Simões, que pagou a assinatura da sra. D. Adelaide dos Santos Lopes, de Lourenço Marques.

A todos, muito obrigado!

DIZ-SE...

Que há para aí «casinos» de características bem especiais: sessões diurnas e nocturnas, admissão à banca de menores de 20 anos, sem profissão... Será mentira ou tratar-se-á de «erva danada» a que é preciso deitar fogo?

—Que, contrariamente, ao que estava previsto, já não é hoje que passa para a Câmara a exploração da electricidade cá do burgo...

—Que a Banda «reapareceu» em Sexta-Feira Santa. Será para ficar ou dado o carácter espe-

Dra. Dona Maria Isabel Gonçalves Agria David Rei

Na Reitoria da Universidade de Coimbra, tomou recentemente posse do lugar de 2.º Assistente da Faculdade de Ciências —Secção de Química— esta nossa ilustre e mui considerada conterrânea, esposa dedicada do também nosso conterrâneo e particular Amigo, Ex.mo Senhor Almerindo Carmo Rei que, com muita distinção, vem desempenhando as funções de 2.º Oficial no Governo Civil de Coimbra. A Senhora Dra. Dona Maria Isabel, que exercia, com a maior proficiência, zelo e apuro, as funções de professora do Liceu Nacional de Leiria, onde, mercê dos seus excepcionais méritos e qualidades, conquistou posição de destaque, vai ocupar o seu novo e elevado cargo, por convite, deferência que nos apraz registar nestas colunas.

A «Regeneração» que conta Sua Excelência como um verdadeiro valor da nossa terra, endereça-lhe as mais respeitadas homenagens, extensivas a Seus Ex.mos Marido e Pais, Sra. Dona Angélica e Anselmo Tomás Agria, ao mesmo tempo que formula votos sinceros duma feliz carreira no magistério universitário.

Foram reconduzidos os Corpos Gerentes dos Bombeiros Voluntários

Realizou-se há dias a Assembleia Geral dos Bombeiros para aprovação do Relatório e Contas da Gerência relativa ao exercício de 1963 e eleição dos Corpos Gerentes da Associação.

Do Relatório, aprovado por unanimidade, salientamos que a receita ascendeu a 163.271\$30 e a despesa se cifrou em 159.275\$70

Em 1964 os Corpos Gerentes serão os mesmos, visto a Assembleia haver aprovado uma proposta nesse sentido apresentada pelo sócio, sr. Fernando Simões Pires que, juntamente com o sócio sr. Armindo Paquete Nunes, enviou para a mesa outra proposta, visando a alteração da cota mínima e a revisão das cotas dos actuais sócios, igualmente aprovada.

Foram ainda exarados na Acta votos de louvor ao Corpo Activo ao Comando e à Direcção.

cial do dia, teremos mesmo *ré quem* no caso?

—Que não se sentem totalmente satisfeitos os *aficionados* do delicioso salmão que é a truta por causa da instabilidade do tempo e doutres coisas mais...

—Que há de chegar o dia em que teremos o Cine-Teatro figueirense, mas, se calhar, já não é este verão...

—Que vai ser convenientemente arranjada a rua que liga o Largo de S. Sebastião ao Hospital.

Que o contínuo vasar duma torneira de segurança, ao Rego, significa abundância de caudal.

Não teremos de pagar, qualquer dia, a «fatura» de agora?

—Que este ano as Festas de S. João vão ser *de arromba* mas que as de S. Pantaleão lhes pedirão messas. Nesta estávamos tentados a não acreditar... mas, tudo é possível!

—Que vai ser aumentado o número de carreiras para Campelo. Boa ideia!

Que serão brevemente cortadas as silvas do hospital velho...

—Que o futebol local ainda não *morreu* de todo. Quem sabe?..

—Que vai encetar-se brevemente intensa campanha de acções de muros e prédios...

—Que a estrada, nas imediações do cruzamento do Rego, vai ser devidamente sinalizada para o trânsito se fazer com menos riscos...

—Que os pedreiros cá do sítio pensam construir uma «maternidade» destinada a certos muros que por aí há, de ventre por demais proeminente...

—E que outras «coisas» correm, mas, por hoje, contentemo-nos com as que apresentámos, fazendo votos pela concretização das «boas» e pela não concretização das «más»...

Mudança de hora

Na passagem do próximo dia 4 para o dia 5, os relógios serão adiantados uma hora, entrando-se assim na hora oficial de verão.